AUTONOMIA

Eduardo Bonzatto

O termo autonomia freqüenta quase todos os textos sobre educação há bastante tempo. Como a palavra amor, está vulgarizado de tal sorte que todos conhecem a palavra, mas quase ninguém sabe exatamente o que é.

Nesse sentido, pedagogia da autonomia é um oximoro, pois a autonomia não pode jamais ser ensinada. Jamais se dará autonomia se houver aquele que te conduz pela mão no caminho da aprendizagem.

Pedagogia é heteronômica, tanto quanto o é o ensinar, pois pressupõe que exista aquele que sabe alguma coisa e que está habilitado a ensinar a outrem que não sabe.

A autonomia é do universo da experiência e não da pedagogia. Só pode ser exercitada e nunca ensinada nem aprendida.

Nesse sentido, aquele que pretende lidar com a autonomia deve ser autônomo. Antes de mais nada tem que viver em estado de autonomia plenamente.

Autonomia nunca é da ordem da relação, mas é do universo das conexões.

As relações sociais no mundo capitalista são relações hierárquicas, pois essas relações definem a reprodução desse mundo, ou seja, a reprodução social desigual. A relação entre pais e filhos, entre professores e alunos, entre patrões e empregados naturalizam as relações hierárquicas necessárias à reprodução da sociedade capitalista.

Daí a necessidade de experimentar outra forma de humanização entre humanos, pois a hierarquia em sua essência desumaniza os dois lados da relação, no sentido de que para hierarquizar a relação tanto aquele que ocupa um lugar acima do outro deve negar a humanidade do outro, quanto o inverso também é desumanizador.

A conexão é o lugar e o gesto do encontro entre humanos em plenitude, pois a hierarquia coisifica os humanos, negando mutuamente suas humanidades.

Então a primeira atitude é encontrar o lugar da autonomia antes de vivenciar a conexão autônoma.

A heteronomia, que é seu antípoda, é a experiência cotidiana da obediência, pois desde que nascemos somos conduzidos pela mão de outrem. Dos pais que sabem o que é melhor para nós, dos professores que sabem o que devemos aprender ou recusar, do patrão que exige que façamos nossos deveres sob a pena do abandono e do fracasso.

A heteronomia naturaliza a desigualdade entre os humanos. Nos diz desde sempre que receber as orientações e ordens de outrem é natural como o é a atividade da respiração.

Uma vida inteira de heteronomia nos convence de que o mundo dos humanos é assim desde sempre.

Por isso é tão difícil entender o que é autonomia e ainda mais difícil vivenciar essa experiência.

A autonomia é um lugar político, ou seja, é uma escolha consciente de viver segundo um código muito específico, arbitrário e muito restrito de independência em relação ao resto do mundo das relações. Deve ser uma decisão íntima, portanto. E na intimidade dessa decisão optamos por sermos livres. É nesse sentido é que uma heresia, uma escolha que vai influenciar em nossa visão de mundo, pois temos que acreditar vivenciando que a desigualdade, e sobretudo a hierarquia, não são naturais.

A heteronomia é uma fogueira em que incineramos todos os dias o combustível para reencenarmos nossos privilégios. E são esses privilégios que dificultam nossa opção pela autonomia. Devemos abdicar dos privilégios para a autonomia. A autonomia não admite bagagens e exige que caminhemos leves ao encontro de nossos semelhantes.

Deixamos pra trás o preconceito, o julgamento, o orgulho, a soberba, a indiferença. Esse é o preparo para que o sentimento de autonomia engrandeça e vivifique dentro de nós. E de dentro pra fora, abrindo-se para a conexão.

Se a heteronomia e a pedagogia representam um gesto familiar de tomar pela mão e conduzir alguém ao bom caminho, a autonomia é uma festa do caos em que a imprevisibilidade é como a música da natureza que ninguém sabe como termina.

A autonomia, contudo, se deve ser gestada dentro de nós como uma escolha, só pode realizar-se no coletivo das conexões entre humanos. De nada serve a autonomia no isolamento.

É preciso que a autonomia se realize em lugares do ser que o constituem como pleno. A autonomia de pensamento é fundamental para a libertação. Pode-se pensar por si mesmo, fora das amarras hierárquicas. Para isso é preciso aceitar outras visões de mundo como possíveis.

A visão de mundo heteronômica é familiar a todos nós: ela nos afirma que o conhecimento é libertador e que, portanto, a educação emancipa. Ao recebermos o conhecimento, que é investido nas escolas, pois não é informação nem tampouco saber, poderemos seguir pela vida aparelhados para suas vicissitudes. No entanto, apenas conseguimos permanentemente seguir ordens, acatar desejos externos, ansiarmos pelo futuro. Transferimos as mesmas prescrições para as novas gerações, garantindo a perpetuidade da visão de mundo.

Conquistar uma forma de pensar que seja autônoma carece de encontros rotineiros com a diferença de humanidades difusas. Estabelecer conexões com sujeitos diversos e diferentes de nós e manter regularmente esses encontros, tecendo experiências inovadoras é um desses caminhos na conquista pela autonomia de pensamento. Dialogar com aqueles que são diferentes de nós e romper com naturalizações, com preconceitos e com julgamentos, pois o outro, aquele estereótipo do qual sabemos tudo, no encontro, na presença é revelador. Sempre nos irá surpreender. Será sempre uma maravilha ouvi-lo nos encontros demorados e sem urgências. Partilhar com esse outro de momentos diversos é parte dos caminhos para se encontrar a autonomia, pois esse outro que lhe é diferente vai se apresentar como um mistério em sua humanidade reencarnada.

Então tu saberá que não sabe nada e que tudo que pensava saber era apenas um protocolo de crenças e de verdades construídas.

O encontro com esse outro é um fazer junto, um serviço complexo entre humanos sem pressa. Tu deve encontrá-los para o serviço comum da comunidade. Servir ao humano é não servir ao poder. Esse é teu foco.

O encontro com o ser diferente de tu abre uma perspectiva que nenhum livro no mundo poderá igualar. É um diálogo aberto e admirável em seu desdobramento. O encontro é sempre uma surpresa. Então a autonomia de pensamento vem com o encontro entre humanos, pois aí a soberania do fluxo de energia são os sentimentos. Sentimos no encontro uma variável confusão de experiências. Sentimos desconforto, temor, alegria e gratidão. E esses são tão somente os sentimentos que somos capazes de nomear, pois muitos outros estão em trânsito no fluxo do encontro.

Precisamos também de autonomia material. Aqui a autonomia nos auxilia a gestar nossa vida cotidiana. Precisamos lidar com o sistema heteronômico de modo a conquistarmos parte de nossa sobrevivência também de modo autônomo. Para isso é preciso saber da suficiência, tão necessária a uma vida simples. A suficiência é um cálculo íntimo de quanto precisamos para viver nossa vida. Sabendo disso, podemos oferecer ao sistema somente parte de nosso tempo, pois é o tempo que o sistema deseja de nós, todo ele. Resgatar parte desse tempo para nossas conexões é condição fundamental de autonomia. Pois será um tesouro teu, pro teu uso e fruto. Com esse tempo tu podes amar, podes acolher e cuidar dos teus afetos, podes procrastinar, podes nada fazer, apenas contemplar a vida em reservado silencio e observação desinteressada.

Esse tempo é teu pra fazeres o que quiser. Ele já é parte da autonomia, pois a autonomia material necessita de tempo resgatado ao sistema para florescer.

Se te investires de autonomia, tuas conexões mais próximas, amores, filhos, amigos, sentirão teu desprendimento e acolhimento incondicional. Tu deixas de querer que sejam da forma que tu imaginas e os aceita da forma que são efetivamente. É libertador isso.

Impossível viver em autonomia sem que tuas conexões sintam essa autonomia tua que é imediatamente a autonomia delas em relação a você. Pois a autonomia é antes de tudo um sentimento compartilhado.

Só depois de te tornares autônomo é que tu pode ser um professor autônomo. Pois agora sabe o que é autonomia. Agora precisa saber como manifestá-la para os outros.

As arquiteturas do poder na educação são rigorosos dispositivos que não admitem afronta. Foram colocados em funcionamento e funcionam até hoje sem distúrbios e sem marolas. Todas as tentativas de modificar a educação no sentido de torná-la mais democrática ou produtora de emancipação ruíram diante dos protocolos de sua função social. Pois a educação tem como função reproduzir a sociedade capitalista, injusta e hierárquica.

É ali que as gerações de jovens que entram no mundo capitalista aprendem como se comportar sob a ordem hierárquica capitalista. É a principal instituição do sistema, responsável por sua reprodução.

Essa ordem hierárquica é complexa em sua manifestação não sendo dicotômica nem direcional, ou seja, funciona por empoderamentos e não por submissão e mando. Mas são sempre hierárquicas.

Sua natureza conservadora foi planejada para que nenhum projeto alternativo seja capaz de alterar suas diretrizes fundamentais, que são responsáveis pela longevidade do sistema.

A função da escola em qualquer lugar do mundo colonizado pelos movimentos eurocêntricos é a de ensinar as gerações a obedecerem aos ditames da sociedade hierárquica.

Para isso existem dois currículos nas instituições escolares. O visível que são as disciplinas e conteúdos socialmente construídos e o oculto, que são dispositivos subliminares que funcionam a despeito da percepção dos professores e de todos envolvidos no processo educacional.

O currículo oculto é formado de pelo menos quatro hábitos cotidianos do fazer escolar: a geometria das salas retangulares, carteiras voltadas para a frente onde está a lousa e o professor naturalizando uma hierarquia entre professores e alunos; a lista de chamada que faz com que o professor seja o bedel da escola e obrigue o aluno a estar sempre presente na sala, a despeito de sua vontade ou possibilidade; o currículo explicito que oferece apenas conteúdos que justifiquem as hierarquias sociais e finalmente a avaliação que hierarquiza a turma em relação ao professor e os próprios alunos entre si, numa verticalização do desempenho suposto e expresso pelas notas.

O currículo oculto é o senhor da heteronomia. Sempre que estiver em funcionamento, a despeito do que faça ou diga o professor, a obediência estará sendo praticada, exercida e oferecida. Anos submetidos a esses pequenos detalhes de submissão vão ensinar a todos que a ordem social é hierárquica. E que o lugar deles deve ser entre os que obedecem e os que mandam. Não existem intermediários.

O professor que decide eliminar a heteronomia deve eliminar o currículo oculto integralmente e deve abdicar de ensinar seus estudantes. O ensinar é o gesto consagrado pela heteronomia. O professor que ensina ministra uma situação em que o seu conhecimento é válido, é verdadeiro e deve ser consumido pelos alunos, que não tem como recusar a oferta, pois precisam dele para sobreviver daí por diante.

Lembremos que a educação é obrigatória e que a família que se recusar a colocar seus filhos na escola pode sofrer sansões do estado. Imagino que se a educação emancipasse não seria obrigatória. É obrigatória porque ensina a obedecer e isso é muito importante.

Aqui importa comentar de passagem sobre a crítica, termo que professores e agentes ligados à educação anunciam como parte de sua função social.

A crítica é a possibilidade de entender o mundo para além da ideologia, cuja função é naturalizar as relações desiguais. Qualquer livro afirma que a desigualdade é natural, portanto não é pelos livros que atingiremos a postura crítica. Ela só pode ser atingida nas relações com a diversidade, em que os encontros, as vivencias e os diálogos entre humanos reafirmam, pela conexão, que não existe de fato desigualdade. Que o discurso da desigualdade é falso e enganoso.

Um professor que quer proporcionar uma zona de autonomia em seu ambiente de serviço deve anular o currículo oculto integralmente. Então não deve obrigar ninguém a freqüentar sua aula, não deve fazer chamadas, não deve ensinar absolutamente nada, não deve reunir-se na ordem hierárquica em que as cadeiras estão naturalmente dispostas e não deve fazer nenhuma forma de avaliação que constranja os estudantes a se submeter ao seu vaticínio.

A pergunta que imediatamente surge nesse momento é: se não ensinar, o que faz o professor para os benefícios da autonomia?

Um estudante autônomo não é necessariamente um estudante bom, no sentido moral do termo. A autonomia é um estado de espírito em que o sujeito faz aquilo que acredita e que cria, pois autonomia é principalmente criatividade. E isso é bem perigoso. Exatamente por isso que a gestação da autonomia deve ser uma jornada coletiva no ambiente escolar. O professor autônomo gera a possibilidade da autonomia coletiva anulando os dispositivos de poder que estão à sua disposição. Abdicando de utilizar o poder, passa a servir ao humano.

Para isso é preciso entender que a instituição escolar é feita de dois pólos antagônicos, de um lado os estudantes e os professores e de outro a organização escolar que envolve desde a secretaria até o ministro da educação e o estado como provedor da educação.

A relação do professor com a instituição é marcada pelo poder. A conexão dele com os estudantes pode ser marcada pela autonomia, desde que ele saiba como fazer isso.

É, nesse sentido, uma decisão política essa de servir ao humano e não ao poder. Mas uma vez tomada, a decisão dever ser implementada com muita clareza, sem ambigüidades no agir.

As conexões são respeitosos encontros entre humanos. Um professor e cada um dos seus estudantes são humanos completos. Não estão e formação ou em trânsito, mas são completos em suas experiências e seus sonhos. Cada um sabe completamente de si em sua humanidade íntima. E o professor deve compreender que está presente entre humanos respeitosamente. Por isso decide não ensinar, que é um gesto desrespeitoso, pois implica em reconhecer que o outro não está íntegro, mas que está faltando em sua formação e precisa, portanto, de ser ministrado e administrado nessa falta. Não somos seres em formação ou o somos todos, sem exceção. Ninguém está pronto e apto a dizer a outro que ele deve acreditar ou fazer.

Disso decorre que o professor deve encontrar os estudantes, o pólo humano de sua conexão e deve encontrar o poder institucional em sua dura manifestação de poder.

A instituição precisa de ser burocraticamente atendida e o professor autônomo irá satisfazer essas exigências sem demora ou descuido. Entregará as listas de notas e presenças no momento oportuno e adequado. Irá participar das reuniões com discrição e humildade, pois o professor autônomo não precisa chamar para si nenhuma atenção desnecessária. É um professor discreto. Tranqüilo em seu movimento dentro da instituição.

Já com seus estudantes irá tramar um pacto de alegria e felicidade. Seu movimento deve gerar um tipo de conforto para que seu estudante aprecie permanecer em sala se quiser. Mas se não quiser deve aceitar que ele saia, passeie, se esquive. Nem sempre estamos dispostos para os encontros, a despeito da obrigação que pais e escola insistam em que ele a freqüente.

Se o professor autônomo não ensina ele deve proporcionar encontros com as diferenças. Sempre. Para isso deve ser muito criativo.

O oposto ao ensinar é o conviver, é partilhar experiências, a fazer e tecer juntos. O ensinar é autoritário e impositivo. A convivência é respeitosa e amplia o universo de seus participantes, pois é atenciosa e cuidadosa, é direta e conecta o grupo todo respeitando suas singularidades.

A reumanização só pode acontecer no encontro entre humanos com suas diversidades expostas e suas diferenças reconhecidas.

Para que isso aconteça o professor autônomo deve ser também um professor profissional, ou seja, deve saber que a responsabilidade pelos acontecimentos daí por diante será integralmente sua e de mais ninguém.

Os encontros podem ser de cinco níveis. Encontros com sujeitos diferentes, em que os convites efetuados a coveiros, servidores de limpeza pública, mestres construtores se tornem periódicos. Em ambientes diferentes: feiras livres, luthierias, fábricas, empresas de pedágios, etc. Em projetos coletivos abrangentes: hortas, machetarias, gastronomias. Em problemas reais com abertura para as soluções realizados exclusivamente pelos estudantes: violência do entorno, diretrizes da escola, falta de árvores e escoamento, etc. Construções em permacultura: feitura de saneamentos ecológicos, aquecedores de baixo custo, geladeiras africanas não elétricas em parcerias com favelas e comunidades de periferias.

Quando essas aberturas se iniciam, a criatividade geral aumenta exponencialmente e novas fronteiras começam a ser divisadas.

Mas também um professor autônomo deve promover as formações e discussões sobre o corpo e a sexualidade. Nesse ponto é preciso se afastar das tentações de ensino do funcionamento mecânico do corpo e passar a experimentar o autoconhecimento de cada um. Não há lugar hoje para essas discussões e a ausência é danosa de uma forma que ainda nem podemos entrever.

A masturbação é o ponto fundamental para o autoconhecimento do próprio corpo e a autonomia deve ser aí muito mais eficiente e instigadora. Um ser humano que compreende os benefícios do sexo sem os entraves morais tem uma vida muito mais saudável em lugar das castrações diversas a que uma sociedade hierárquica promove. E é o professor quem promove essas conversas. Abertamente, sem constrangimentos. Mas só pode fazê-lo se também resolveu em sua vida essas questões. Pois principalmente aqui o ensinar deve ser proscrito como uma maldição. Conversar sobre isso de modo verdadeiro é libertador.

Com tudo isso, cada participante vai resolvendo algumas questões fundamentais. A fala partilhada, o fazer partilhado, o encontro partilhado permite que cada um encontre seu ponto peculiar e seu lugar coletivo, reconhecendo limitações e aberturas, frustrações e soluções e que ninguém é melhor do que ninguém, cujos problemas são mais comuns do que exclusivos.

A autonomia se move quando tecida coletivamente como um arco holístico, envolvendo experiências individuais e coletivas numa egrégora de energias respeitosas que jamais serão esquecidas pelos participantes.

Partilhar informações, tecnologias, alimentos, saúde, afetos, diálogos, ouvices, crendices, brinquedos, ferramentas, alianças, cumplicidades, segredos, histórias, prosas, projetos, e tantas outras conexões que fazem da vida em autonomia uma festa de generosidades.

Os valores da autonomia são solidariedade, respeito, reconhecimento da diferença, colaboração, cuidado, liberdade para expressar seu pensamento sem constrangimentos, ampliação da percepção, abraço como expressão da complexidade.

A autonomia é um reino soberano em que todos são reconhecidos e respeitados pela sua humanidade.